

Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB

Jacyra Mota
(Universidade Federal da Bahia)

Introdução

Os atlas linguísticos brasileiros vêm, desde a segunda metade do século passado, com a publicação do *Atlas Prévio dos falares baianos* (ROSSI, 1963), fornecendo dados para o conhecimento do português do Brasil, confirmando ou complementando as propostas de divisão dialetal e de identificação das diversas áreas, feitas anteriormente, sobretudo a de Nascentes (1953 [1922]).

Segundo Nascentes, o “falar brasileiro” se subdivide em dois grupos – o do Norte e o do Sul, como se lê no trecho a seguir e se pode visualizar na Figura 1.

Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei de norte e sul.

O que caracteriza estes dois grupos é a cadencia e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*. (NASCENTES, 1953 [1922], p.25)



Figura 1 Proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953 [1922]).

Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Ao tratar de aspectos fônicos do Nordeste, considera-se, assim, obrigatório iniciar pela referência aos dois fatos linguísticos que, segundo Nascentes (1953 [1922]), estabelecem a distinção entre os falares do Norte e o do Sul – o timbre das vogais médias pretônicas e a entoação – a partir das cartas do *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (CARDOSO et al., 2014), com dados das 25 capitais incluídas em sua rede de pontos.¹

Além desses dois fatos, destacam-se, neste capítulo, como caracterizadores da região Nordeste, a predominância das realizações não palatalizadas para as consoantes dentoalveolares /t, d, l/ diante da vogal alta [i], e a das fricativas laríngeas para o rótico em coda silábica, interna ou externa.

1 Aspectos metodológicos

De acordo com os pressupostos teóricos da Geolinguística Pluridimensional contemporânea, incluem-se, no *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB, indivíduos dos

1 Não se incluem Brasília (DF) e Palmas (TO), por critérios metodológicos, relativos às datas de fundação dessas cidades.

dois sexos, de duas faixas etárias – a primeira, de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65 anos – e, nas capitais, também de dois níveis de escolaridade – o fundamental e o universitário.

Os dados para a constituição do *corpus* do ALiB foram documentados, *in loco*, por meio da aplicação sistemática de um conjunto de questionários destinados à documentação de aspectos fônicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, pragmáticos, metalinguísticos e discursivos (COMITÊ, 2001), nas 250 localidades que constituem a sua rede de pontos.

Para a elaboração das cartas fonéticas, foram utilizadas, principalmente, as questões do questionário fonético-fonológico (QFF), inclusive as referentes à prosódia. Mas, em alguns casos, consideraram-se também as do semântico-lexical (QSL) ou de outras partes do inquérito. A análise linguística é de responsabilidade dos autores das cartas, que estão identificados na apresentação de cada fato.

2 Fatos fônicos caracterizadores do Nordeste, com base nas cartas do ALiB

2.1 Vogais médias pretônicas²

Quanto ao timbre das vogais médias pretônicas – embora os dados do ALiB apresentem algumas divergências com relação à divisão dialetal proposta por Nascentes (1953 [1922]) –, predominam na região Nordeste as variantes vocálicas abertas, como em t[ɛ]rreno, b[ɔ]tar³.

Considerando cada capital separadamente, os percentuais mais elevados, tanto para as anteriores quanto para as posteriores, encontram-se em Maceió (65% para as anteriores e 55% para as posteriores) e Recife (58% para ambas), e, apenas para as anteriores, em Teresina (64%), Aracaju e Salvador (60%, em ambas), São Luís (57%), Fortaleza (56%) e Natal (55%) (Tabela 1).

2 A análise das vogais médias pretônicas, no *corpus* do Projeto ALiB, é de responsabilidade de Jacyra Andrade Mota e Paulo Henrique de Souza Lopes.

3 Cf. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001. Questionário fonético-fonológico, questões 02 e 36, respectivamente.

Tabela 1 Vogais médias pretônicas no Nordeste: dados do ALiB.

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS						
CAPITAIS DO NORDESTE	ANTERIORES			POSTERIORES		
	Total de ocorr.	%		Total de ocorr.	%	
		[e]	[ε]		[o]	[ɔ]
São Luís (MA)	509	43	57	318	49	51
Teresina (PI)	467	36	64	280	51	49
Fortaleza (CE)	452	44	56	296	50	50
Natal (RN)	474	45	55	296	50	50
João Pessoa (PB)	418	46	54	274	46	54
Recife (PE)	451	42	58	317	42	58
Maceió (AL)	403	35	65	295	45	55
Aracaju (SE)	451	40	60	344	47	53
Salvador (BA)	449	40	60	353	48	52

Fonte: *Corpus* do ALiB. Elaborado pela autora.

A diferença percentual entre as capitais nordestinas e as demais capitais brasileiras, com relação ao timbre das vogais médias pretônicas, é vista, claramente, nas cartas F01V1 e F01V2 do ALiB (CARDOSO et al., 2014), em que se pode observar que índices mais baixos para as médias abertas do que para as fechadas, fora da região Nordeste, encontram-se, apenas quanto às vogais anteriores, em duas capitais da região Norte – Rio Branco (AC) e Manaus (AM). Nas demais, e, principalmente, nas regiões Sudeste e Sul, são as médias fechadas que predominam, como se verifica nas Figuras 2 e 3.

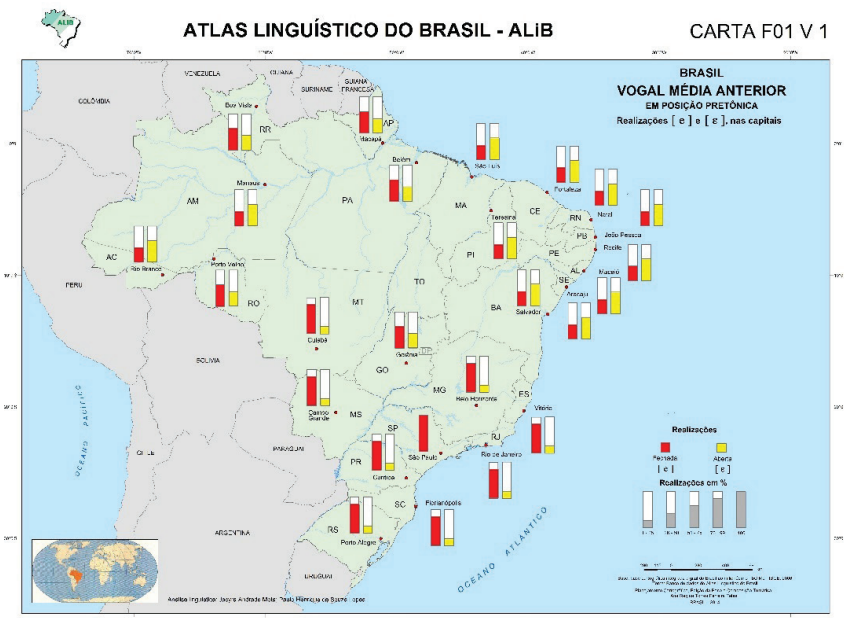


Figura 2 Carta F01 V1 – Vogais médias anteriores pretônicas.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 71).

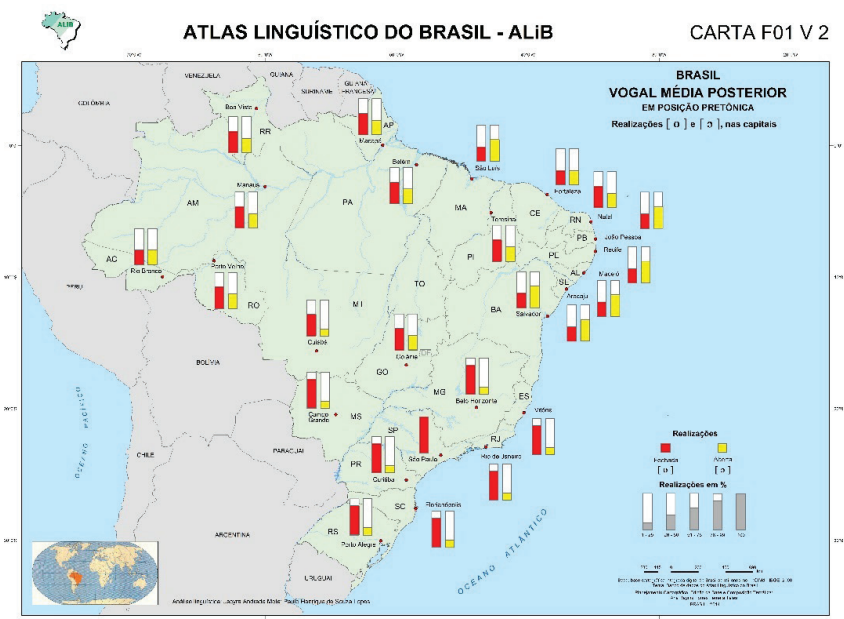


Figura 3 Carta F01 V2 – Vogais médias posteriores pretônicas.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 73).

A frequência de vogais abertas no Nordeste – áreas que englobam o “falar nordestino” e o “falar baiano”, na divisão de Nascentes (1953 [1922]) –, leva, frequentemente, à identificação dos falantes dessa área, de modo caricatural, e é também explicitada por alguns informantes, em respostas às questões de natureza metalinguística dos questionários do ALiB, como: “Poderia dar um exemplo de como falam essas pessoas que *falam diferente?*”; “E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de ___ [*citar a cidade onde está?*]”; “Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?”⁴, como se exemplifica a seguir, com o testemunho do informante masculino, de faixa etária II e nível de escolaridade universitário, em Vitória (ES):

INQ. – O senhor poderia dar um exemplo de como que elas falam diferente?

INF. – É, por exemplo, a minha esposa, ela é mineira, então ela fala “c[o]ração”, ela num fala “c[o]ração”, ela dá uma ênfase nesse “ó”.

INQ. – Ela é mineira de onde?

INF. – De Mutum, de Mutum não, lá é o Sul. Valadares, Valadares. Nasceu em Valadares.

2.2 Entoação⁵

Nos enunciados assertivos do tipo “Você vai sair hoje” (cf. Questões de prosódia), a entoação é também um traço distintivo do Nordeste, que, nesse caso, acompanha a região Norte.

Como se observa na carta F07 P1 do ALiB (CARDOSO et al. 2014), no Nordeste e no Norte, em enunciados assertivos, verifica-se a proeminência do acento pré-nuclear, fato que só se encontra, fora dessas regiões, em Campo Grande (MS), capital que, desse ponto de vista, se assemelha a Rio Branco (AC) e Manaus (AM).

Nas capitais que se situam nas demais regiões brasileiras, os acentos pré-nuclear e nuclear ocorrem em níveis semelhantes (regiões Sudeste e Centro-Oeste) ou o acento nuclear é o proeminente (região Sul).

4 Cf. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001, questões 3, 4 e 5, respectivamente.

5 A análise dos fatos entoacionais, no *corpus* do Projeto ALiB, foi realizada por Cláudia de Souza Cunha, Aline dos Santos Silvestre e Joelma Bernardo da Silva.

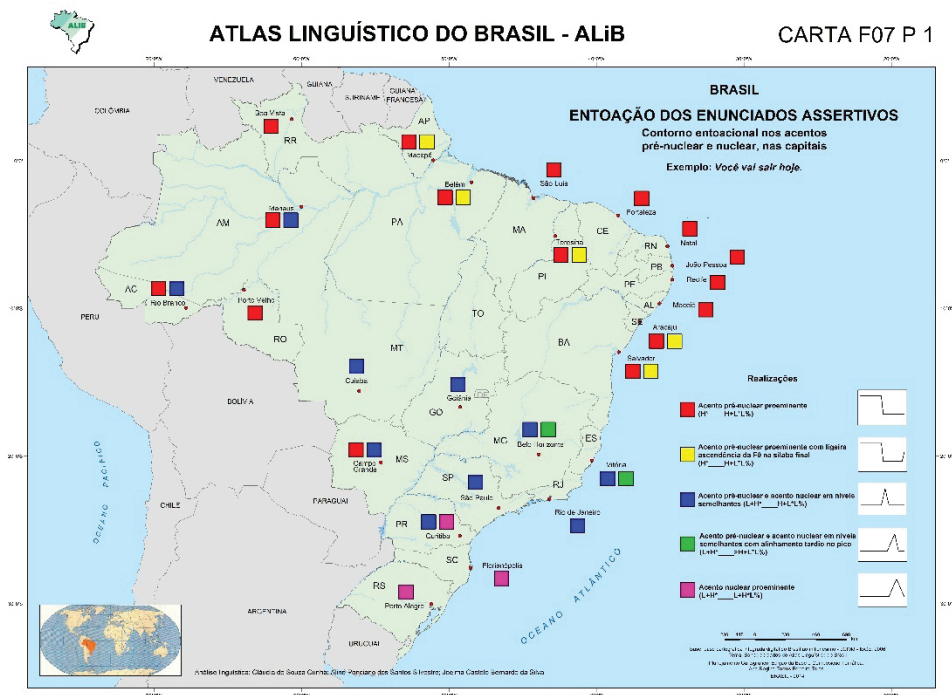


Figura 4 Carta F07 P1 - Entoação dos enunciados assertivos.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 130).

A percepção dos falantes com relação às diferenças entoacionais no português do Brasil são expressas, frequentemente, com a referência ao “canto” que o falante considera característico de algumas áreas, como se observa em resposta às questões de natureza metalinguística incluídas nos Questionários do ALiB, nos exemplos:

- a) Rio Branco (AC), informante feminina, faixa etária II, nível de escolaridade universitário:

INQ. – Como chama a língua que você fala?

INF. – O português.

INQ. – E em diferentes lugares do Brasil, você acha que...

INF. – Tem, acho que tem. O **baiano**, ele tem um sotaque bem diferente do nosso.

INQ. – Como que é ...?

INF. – O **baiano é meio cantando**, né? Fala **meio cantando**, assim...
- b) Vitória (ES), informante masculino, faixa etária II, nível de escolaridade universitário:

INQ. – Nos lugares a que você já foi, o que tem de diferente?

INF. – O Nordeste, né, o Nordeste fala muito... fala **cantando**, muito **cantando** (...)

2.3 Consoantes dentoalveolares / t, d / diante de vogal alta [i]⁶

Com relação às consoantes dentoalveolares / t, d / diante de vogal alta [i], – fonológica ([i] < /i/), como em *tio, dia, sutiã, diabo*⁷ ou derivada (proveniente de /E, I/), como em *noite, tarde, botequim, redemoinho*⁸ – grande parte da região Nordeste distingue-se pela predominância da variante dental que se admite ter sido trazida pelos portugueses, não se registrando, com grande frequência, a palatalização observada em outras capitais do País, nesses contextos.

Entre as nove capitais nordestinas, a articulação dental do /t, d/ diante de [i] é bastante frequente em Natal, Recife, João Pessoa, Maceió e Aracaju, sobretudo nos contextos em que a vogal alta é fonológica. Teresina, São Luís, Fortaleza e Salvador, no entanto, distinguem-se como áreas de predominância das palatais, documentando-se em Teresina apenas 2% de variantes dentais, quando o [i] é fonológico e 8%, quando derivado, e não se registrando as dentais nas outras três capitais. (Tabela 2, com as capitais dispostas em ordem decrescente, quanto à predominância de variantes dentais, no contexto em que a vogal [i] é fonológica).

Tabela 2 /t, d/ diante de [i] < /i/ e [i] < /I, E/, no Nordeste:
Variantes dentais nos dados do ALiB.

TIPO DE VOGAL ALTA				
CAPITAIS DO NORDESTE	[i] < /i/		[i] < /I, E/	
	Ocor./tot.	%	Ocor./tot.	%
Aracaju (SE)	125/149	84%	68/274	24%
João Pessoa (PB)	102/125	82%	49/291	16%
Maceió (AL)	123/148	83%	57/339	16%
Recife (PE)	137/174	79%	92/341	26%
Natal (RN)	88/126	70%	84/268	31%
Teresina (PI)	3/140	2%	27/320	8%

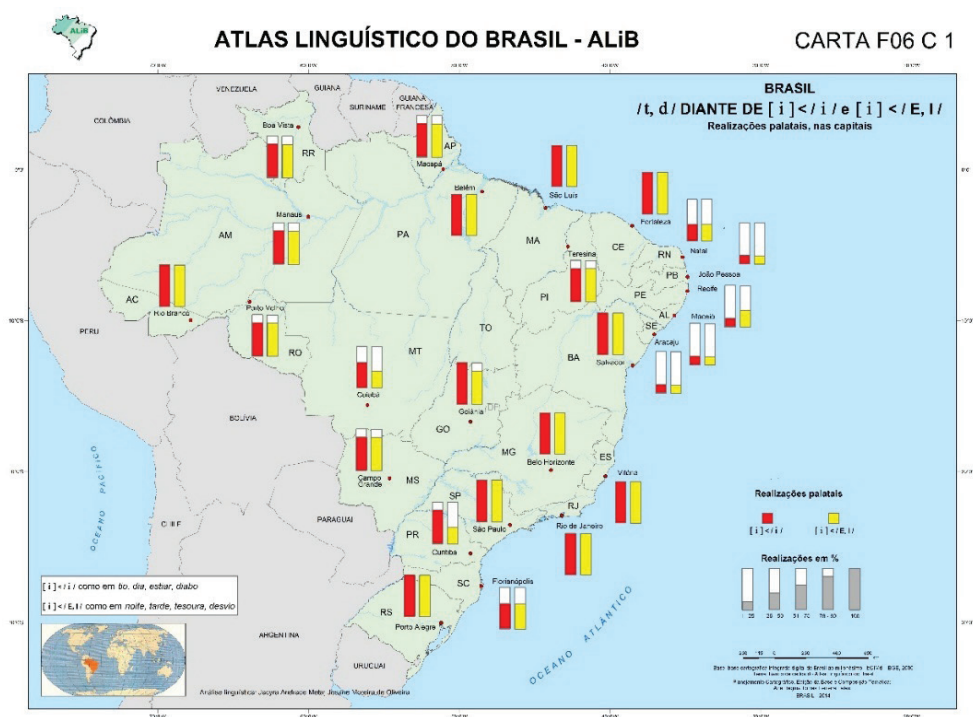
Fonte: *Corpus* do ALiB. Elaborado pela autora (CARDOSO et al., 2014).

- 6 As consoantes dentoalveolares / t, d / diante de vogal alta [i], nos dados do ALiB, foram analisadas por Jacyra Andrade Mota e Josane Moreira de Oliveira.
- 7 *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001. Questionário fonético-fonológico, questões 131 e 056; Questionário semântico-lexical, questões 147 e 188, respectivamente.
- 8 *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001, questões 055, 062; Questionário semântico-lexical, questões 202, 004, respectivamente.

Na carta F06C1 do ALiB (CARDOSO et al. 2014), que apresenta a frequência das variantes palatalizadas nas capitais brasileiras, pode-se visualizar o reduzido índice de variantes palatais (que indica, conseqüentemente, a predominância das dentais) em cinco capitais do Nordeste e um pequeno índice de não palatais também em Teresina.

Fora dessa região, pequenos índices de dentais, nesse contexto, só são registrados em Macapá (AP), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Rio Branco (AC), na região Norte; nas três capitais da região Centro-Oeste; e em Curitiba e Florianópolis, no Sul, (Figura 5).

Figura 5 Carta F06 C1 - /t, d/ diante de [i] < /i/ e [i] < /E, I/.



Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 123).

As realizações dentais para o /t, d/ diante de [i] não gozam de prestígio, aparecendo, algumas vezes, como estereótipo para identificar a fala nordestina. Em vista disso, essas variantes mostram indícios de mudança em curso, em direção às palatais, prestigiadas, como indicam as diferenças diafásicas flagradas através do confronto entre ocorrências obtidas no questionário fonético-fonológico (QFF) – em que as respostas são, em geral, mais monitoradas pelo informante – e aquelas

documentadas em trechos de fala espontânea, a propósito de outras questões, ou, no final do inquérito, quando o informante é instado a falar mais livremente sobre fatos marcantes de sua vida, seu trabalho, etc. (nos temas para discursos semidirigidos).

Exemplifica-se o fato com os vocábulos *noite* e *dia*,⁹ nos trechos a seguir, registrados em Maceió, informante masculino, de faixa etária I e nível de escolaridade universitário:

No QFF, questões 055 e 056 (elocuições mais monitoradas)

INQ.– Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a ___?

INF. – ['nojti].

INQ.– E depois da noite, o que é que vem?

INF. – o ['dʒie].

No QMS, questão 033 (em que o vocábulo *noite* é emitido de modo espontâneo, em trecho emitido mais rapidamente)

INQ. – Mas, assim, você poderia.... descrever seu dia pra mim?

INF. – De manhã eu acordo, tomo café, vô pra faculdade. Volto, almoço, descanso um pouco, vô trabalhá, chego em casa deis hora, onze hora da ['nojti].

Em Temas para discursos semidirigidos, questão 01 (trecho de elocução espontânea):

INQ.– Relate um acontecimento marcante em sua vida.

INF.– Quando eu passei no vestibular.

INQ.– Por que você acha que foi? Fale alguma coisa. Como é que você soube?

INF.– Eu tava no interior, fugi pra num sabê do resultado. Lá num tinha rádio, num tinha nada. Aí, meu pai ligô pra me avisá que eu tinha passado.

INQ.– (Risos) Veja só. Sério? E aí, como foi?

INF.– Aí eu voltei pra Maceió no outro ['die]. Aí, fui comemorá.

2.4 Consoante lateral dento-alveolar (/l/) diante de vogal alta [i]¹⁰

A carta F03C1 do ALiB (CARDOSO, 2014) apresenta os dados referentes aos vocábulos *liquidificador* (026) e *liquidação*¹¹, em que a lateral alveolar pode

9 *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001.

10 A análise da lateral alveolar diante de [i], em *liquidificador* e *liquidação* foi realizada por Marilúcia Ramos de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima e Abdelhak Razky

11 *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001. Questionário fonético-fonológico, questões 026 e 095, respectivamente. Na carta F03C1 apresentam-se também dados referentes aos vocábulos *família* (QFF 130) e *sandália* (QFF 140), que não serão aqui comentados, por não contribuírem para a caracterização linguística do Nordeste.

realizar-se com algum grau de palatalização ([ʎ]) ou mesmo como lateral palatal [ʎ̺], graças ao condicionamento representado pela vogal palatal alta seguinte.

Com relação à emissão não palatalizada do /l/, nesse contexto, observa-se que as capitais nordestinas apresentam-se em três grupos:

- (a) Grupo constituído por quatro das cinco capitais que se caracterizam pela grande frequência da variante dental para o /t, d/ diante de [i], em lugar das variantes palatalizadas. Essas capitais (Natal, Recife, Maceió, Aracaju) apresentam, também, reduzidos índices de palatalização do /l/ (até 25%), índice que se encontra também em Rio Branco (AC), mostrando mais uma semelhança entre essa capital do Norte e algumas do Nordeste, tal como se verificou de referência ao timbre aberto das vogais pretônicas.
- (b) Grupo constituído por João Pessoa e Salvador, com índices entre 26% e 50%, semelhantes ao que também se encontra em Florianópolis.
- (c) Grupo constituído por São Luís, Teresina, e Fortaleza, com índices mais elevados de variantes palatalizadas (entre 51% e 75%), encontrados também em Boa Vista (RR) e Belo Horizonte (MG) (Figura 6).

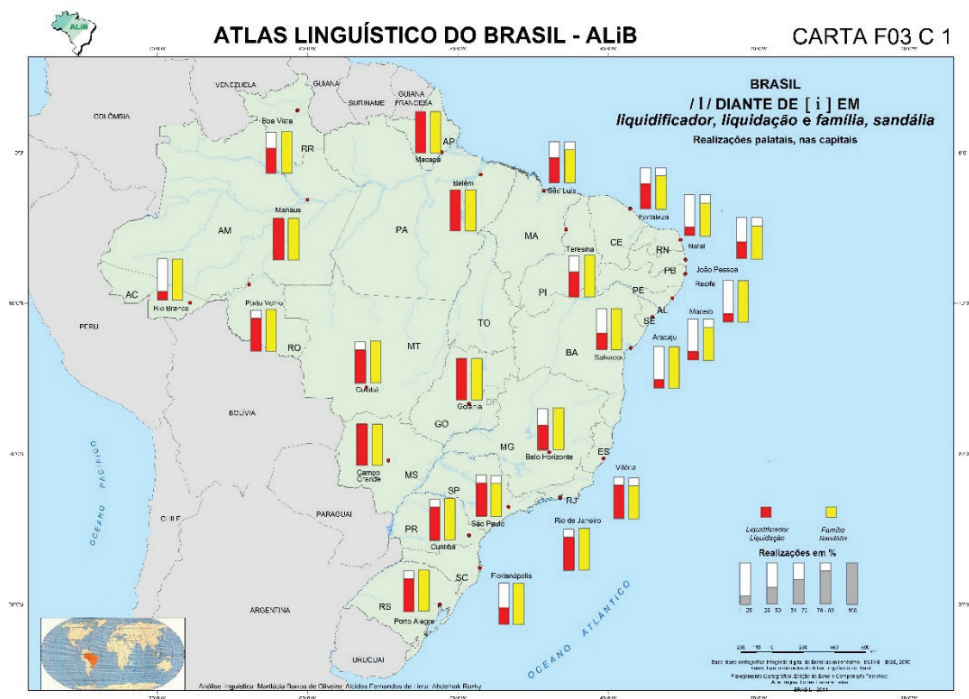


Figura 6 Carta F03 C1 – /l/ diante de [i], em *liquificador* e *liquidação*.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 93).

2.5 Realização fricativa laríngea para os róticos em coda silábica¹²

A realização fricativa laríngea para os róticos em coda silábica, interna ou externa, em nomes como *torneira*, *calor*¹³, ou em formas verbais infinitivas, como *botar*¹⁴, está registrada em todas as capitais, exceto Curitiba (PR), embora com índices reduzidos na maioria daquelas que se situam no Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Nas capitais do Norte, Nordeste e em Belo Horizonte, no Sudoeste, a realização fricativa glotal ou laríngea, em coda silábica, interna ou externa, é predominante, ocorrendo, como única variante, em Fortaleza, Natal e Aracaju, em todos os contextos, ou como a variante predominante, ao lado da velar ou do tepe, nas outras capitais nordestinas, como se observa nas cartas F04C3, F04C4 e F04C6 do ALiB (cf. CARDOSO et al, 2014, p. 103, 105 e 107).

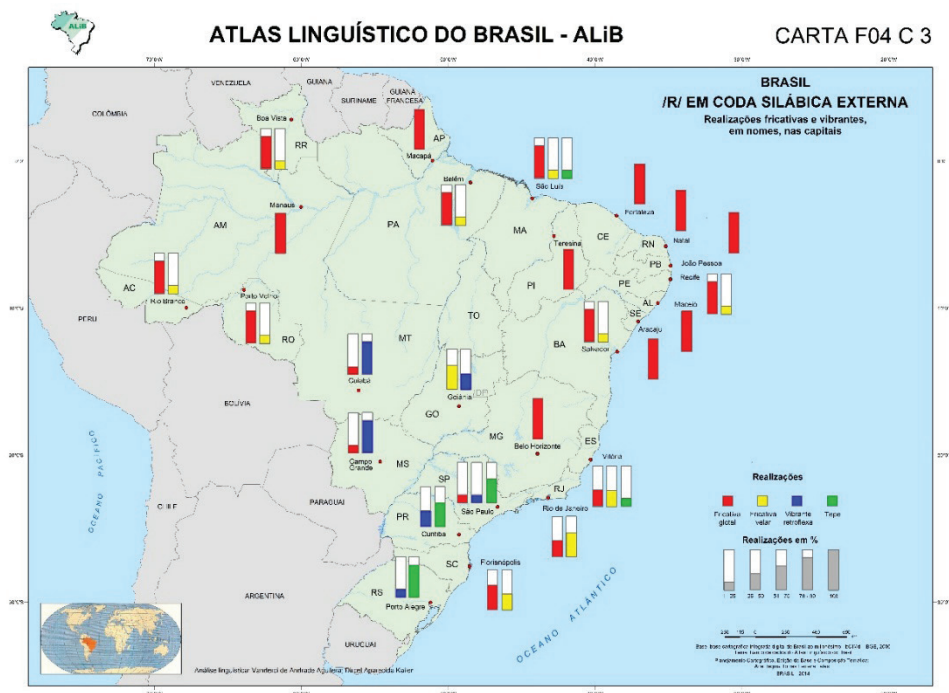


Figura 7 Carta F04 C3 – /R/ em coda silábica externa: nomes.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 103).

- 12 A análise do rótico em coda silábica, no *corpus* do ALiB, foi realizada por Vanderci de Andrade Aguilera e Dirce Aparecida Kailer.
- 13 Cf. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários 2001. Questionário fonético-fonológico, questões 012, 022, 061, respectivamente.
- 14 Cf. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários 2001. Questionário fonético-fonológico, questão 036.

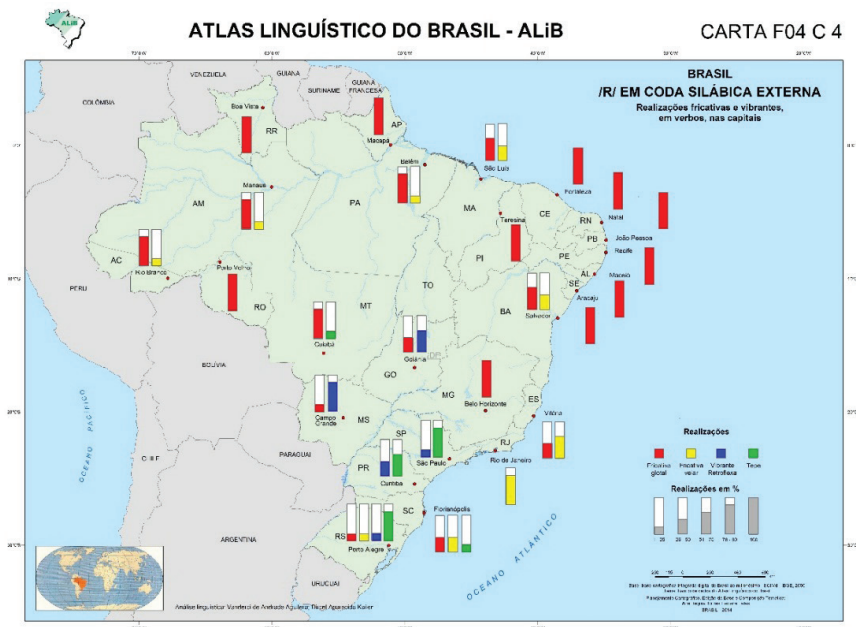


Figura 8 Carta F04 C4 /R/ em coda silábica externa: verbos.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 105).

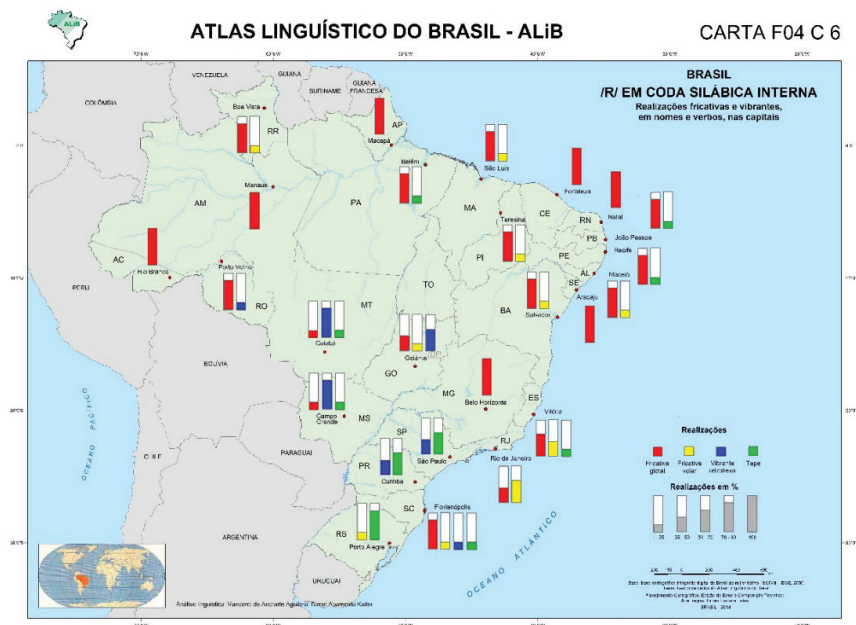


Figura 9 Carta F04 C6 - /R/ em coda silábica interna: verbos.

Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 107).

Para concluir

Outros fatos documentados no *corpus* do ALiB, ainda não cartografados, poderiam ser trazidos para caracterização da fala do Nordeste, como, por exemplo, a presença das variantes africadas palatais [tʃ, dʒ], depois de semivogal palatal ([j]), em vocábulos como *muito*, *doido* (emitidos como *muntcho*, *dodju*), aí documentados, com grande frequência, principalmente em Maceió (60%), vindo a seguir, em ordem decrescente, Aracaju (26%), Natal (18%), João Pessoa (13%), Recife (10%) e Salvador (9%). Em São Luís e Fortaleza não se documentaram africadas palatais nesse contexto, e, em Teresina, registraram-se apenas duas ocorrências, como observaram Mota e Santos (2012)¹⁵.

Ressalta-se, também, a possibilidade de se delinarem subáreas dialetais no Nordeste – como verificado em relação à frequência das realizações dentais para o /t, d, l/ diante de [i] – e as semelhanças linguísticas entre capitais nordestinas e capitais de outras áreas – como, por exemplo, Rio Branco (AC), de referência ao timbre das vogais médias pretônicas e à frequência da articulação dental para o /l/ diante de [i] e Florianópolis, quanto à frequência da articulação dental do /t, d, l/ diante de [i] e também quanto à palatalização do /t/ depois de semivogal palatal – certamente indicadoras de colonizações comuns e/ou de contatos mais recentes.

Quanto à divisão entre falares do Norte e falares do Sul, os dados aqui apresentados apontam, principalmente, as diferenças entoacionais. De referência ao rótico em coda silábica, salienta-se, também a frequência das realizações fricativas laríngicas, ao lado da pouca representatividade das variantes vibrantes, nas regiões Norte e Nordeste.

Os resultados aqui apresentados, referentes às capitais, deverão ser completados e confirmados com o prosseguimento da análise do *corpus* do ALiB, com a inclusão das demais 225 localidades que constituem a sua rede de pontos, e com a análise de outros fatos, tal como previsto para os volumes 4 a 7, já em andamento, de modo a fornecer elementos que permitam, com mais segurança, a delimitação de áreas dialetais no português do Brasil.

Referências

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos*: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

15 Cf. também Santos (2012), com dados do ALiB, registrados em localidades do interior de Alagoas e Sergipe.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v.2. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas linguístico do Brasil*. Questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

MOTA, Jacyra Andrade; SANTOS, Andrea Mafra Oliveira dos. Onde estão as “africadas baianas”? In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem a Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012, p. 189-209.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANTOS, Andrea Mafra Oliveira dos. *As “africadas baianas” em Sergipe e Alagoas: um estudo a partir dos dados do Projeto ALiB*. 2012. 121f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

